



Renata Corrêa

Vaca e
Outras
Moças de
Família

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



VACA

E outras moças de família

Por Renata Corrêa

Tive que demitir, Zécarlo! Tive que demitir!, repetia a mulher, mãos na cintura, andando por dentro do quarto. - Olha o tamanho desse menino, é uma vergonha. Eu não sei nem por que não chamei a polícia! Você sabia que isso acontecia dentro da nossa própria casa? É capaz da gente ter que gastar com um psicólogo!

Zécarlo tentou argumentar. Chamaram Ana para trabalhar exatamente por isso e agora a demitem?, mas cansado de um dia duro no escritório tentava dar importância para indignação da mulher mesmo com o pensamento longe em planilhas, rendimentos, e uma reunião que certamente lhe tiraria o apetite para o almoço no dia seguinte. E ela não parava de falar, concordar seria o caminho mais curto para apagar a luz e dormir.

- Amanhã eu converso com ele.

Isso pareceu acalmá-la e finalmente a mulher começou a esfregar um creme nas mãos, sinal inequívoco do fim do ritual da noite: ela se deitaria e dormiria em poucos minutos. Mas antes de fechar os olhos ela ainda lamentou:

- A Ana limpava os rejuntes do banheiro com uma escova de dentes. Sabe como é difícil achar uma boa empregada nos dias de hoje?

Suspirou e desligou o interruptor do abajour.

Atrás da porta, Tomáz, nove anos recém completos e coração acelerado, roía as unhas até o sabugo. O polegar destruiu-se em poucas dentadas, e ao ver o sangue enfiou o dedo na boca e chupou o líquido, a sensação do dedo na língua trazendo uma onda deliciosa de paz e relaxamento. O corpo foi amolecendo, e dormiu ali sentado.

II

O uniforme de Tomáz estava impecável. A mãe não queria falhar no primeiro dia útil sem Ana. Calça de brim azul marinho, blusa de botões branca, brasão do colégio tradicional no peito, sapato engraxado, cabelo repartido de lado com pente fino, mochila, dinheiro da merenda - tudo se sacodindo e amassando no banco traseiro do sedan. A fila dupla de carros se alonga na frente da escola, Zécarlo liga o pisca alerta e destrava as portas.

- Boa aula filhão.

A mãe não se atreve a falar nada, mas espia pelo retrovisor o moleque que se desvencilha do cinto de segurança e se arrasta pra fora do carro e se embrenha pela turba de estudantes. Tomáz bate a porta sem olhar pra trás e Zécarlo começa a sair com o carro quando a mãe ordena que ele espere. Ela sai do carro procurando o filho no meio dos uniformes iguais, do mar de cabelos escuros, das vozes infantis, e logo o encontra. Abaixada na frente dele com os olhos marejados ela segura os braços do menino.

- Mamãe te ama, tá?

Tomáz não compreende aquilo tudo.

- Mamãe te ama, Tomáz, ela diz impaciente. Você não ama a sua mãe?

Enfado.

- Amo mãe, ele estica o “a” de mãe, sem piedade. Ela sabe que ele o ama, mas agora ele vai lidar com a vergonha, com a troça, e um dia na escola já não é fácil o suficiente sem isso.

Ela lhe beija a testa e o deixa ir, o corpo transbordando de um sentimento indizível, que a inquieta, a tensiona, a cabeça afundada no pescoço, o pescoço afundado nos ombros. No carro ela retoca a maquiagem, coloca o cinto e ordena:

- Vamos logo, Zécarlo, que o trânsito pro centro essa hora é uma insanidade.

Até que foi mais fácil do que ele esperava, tudo aquilo. Tirando um ou outro olhar reprovador, ninguém abordou Tomáz a respeito da cena de sua mãe. Aprendeu desde cedo que não precisava falar, não podia falar, ou todas as coisas se tornavam reais. Quando morreu o avô aconselharam a mãe que ele não poderia ficar em silêncio. A mãe afeita a especialistas e especialidades de toda ordem admoestou Tomáz, perguntava o que sentia a todo tempo e ele foi obrigado a ser sincero. Contou que tinha uma dor que lhe envolvia as costelas, lhe apertava o coração e descia até a bexiga. Quando lhe deram a notícia da morte do avô Tomáz sentiu muita vontade de fazer xixi e assim ficou por semanas, porém nunca deixou escapar nada antes de chegar ao banheiro, mas era isso, como se lhe apertassem. A mãe enlouqueceu aqueles dias. Levou Tomáz em uma infinidade de consultas que nada diagnosticavam, até que um médico bondoso resolveu tratar a mãe através do corpo dele, e assinando uma guia de internação para observação, lhe deu um analgésico intravenoso e a mãe se aliviou. Tomáz aprendeu então a não contar. Não que ele tivesse se incomodado com o hospital, mas não aguentava ver a maneira como ela esfregava disfarçadamente as mãos quando um problema parecia insolúvel.

Com Ana tudo era diferente. Tomáz não lembra exatamente quando ela chegou, só lembra daquele vulto branco e pesado se instalando na casa, colocando uma sacola no quarto de empregada. Ana dizia todas as coisas com grande desembaraço, e Tomáz podia perguntar tudo e contar todas as coisas que se passavam dentro dele. Não em tom de confissão, mas com a naturalidade de dois velhos amigos. E assim passavam os dias. Tomáz contava da escola, das brincadeiras de espadas, dos moleques maiores que fumavam nos fundos da quadra de esportes. Ana contava sobre o bebê que crescia dentro dela. Torcia para que fosse um menino, como ele.

A primeira vez que teve medo de perder Ana foi quando sua figura branca se curvou sobre a pia cheia de louça. Ela o acalmou, colocou as mãos pequenas de Tomáz sobre sua barriga, que endurecia e amolecia ritmadamente. Era o filho que chegava. Ele se espantou e se maravilhou e teve medo. E se Ana não voltasse mais?, mas ela riu e disse que sim, claro, voltaria, e desarrumou seus cabelos e o mandou para o quarto de brinquedos.

Ao cair da tarde, Tomáz ouviu o barulho do motor do carro entrando na garagem e apressadamente a mãe levou a Ana embora, não sem antes explicar meticulosamente ao marido como cuidar de Tomáz. Zécarlo

ficou com o menino, lhe distraíndo com jogos de videogame e brinquedos de homens, e ele conseguiu esquecer a imensidão de Ana, a barriga pontuda e móvel sob a blusa estampada com flores.

Nas semanas que se seguiram a ausência de Ana era palpável. A mãe se exasperava com as tarefas acumuladas, Zécarlo reclamava do estresse da mulher e Tomáz temia em silêncio os dias no apartamento vazio.

- Contrata outra empregada!, solucionava Zécarlo sem tirar os olhos do jornal noturno.

- Não posso demitir alguém em licença maternidade, tá louco? A gente não nada em dinheiro.

- Chama a Ana pra voltar antes. Ela cuida do bebê aqui, tem espaço, que mal há? Ela também não vai querer perder o emprego.

E assim fez. A mãe ligou para Ana, e didaticamente explicou os inúmeros prejuízos que a lei pode infligir aos patrões. Que não queria se desfazer de tão boa relação, mas a situação estava ficando insustentável. Que Ana podia cuidar do bebê no serviço, desde que não prejudicasse o seu rendimento profissional. E claro, seria um acordo informal, bom pra todo mundo. Ana aceitou.

Nos primeiros dias Tomáz se ressentiu da presença daquele ser minúsculo, de olhos fixos e atentos que lhe roubava toda a atenção, mas depois se acostumou com o choro, com a voz aguda de Ana a acariciar o filho, ela antes sólida e direta e agora melodiosa e delicada a manipular o pequeno corpo do bebê. Com ele no colo ela duplicava de tamanho e fazia todas as coisas com grande rapidez. Os únicos momentos de calma na casa era quando, espremida em um colchão no chão de seu minúsculo quarto, Ana dava o peito para o filho.

Tomáz fingia não se interessar, mas já se interessando atravessava a área de serviço, tropeçando em baldes e panos de chão para observar Ana e o bebê, o peito cheio, grandioso, o bebê a princípio voraz, agitado, mas que a cada movimento de sucção se pacificava, fechava os olhos e se entregava ao corpo da mulher. Ana muitas vezes cochilava nesses momentos e foi em um desses momentos que Tomáz, sem a menor cerimônia, lhe abocanhou uma teta.

Na primeira vez Ana acordou sobressaltada e expulsou Tomáz dali. Mas durante os dias que se seguiram o menino era como uma sombra por toda casa. Primeiro discreto e depois, vendo que seus apelos não surtiam efeito, implorou pelos peitos - ao menos para provar como era esse leite, bolas - dizia ele. E meio por cansaço e meio por não achar grandes coisas, Ana deu de mamar a Tomáz. O menino primeiro desajeitado, assustou-se com o jato de leite que molhou seu rosto. Depois, como se nunca tivesse esquecido, segurou os peitos de Ana e mamou até cansar, e um quarto de hora depois, satisfeito, de bochechas vermelhas, Tomáz agradeceu e foi ver seus desenhos.

Durante todos os almoços daquela semana repetiram o ritual. Ana comia sentada em um banquinho da área de serviço, Tomáz, de pé, pegava um peito e mamava. O horário, estabelecido por Ana, tinha a boa intenção de não atrapalhar o serviço, afinal no durante o almoço os patrões avisaram que ela poderia fazer o que quisesse. Depois disso Ana colocava o filho para dormir e seguia lavando e passando roupas, faxinando banheiros, organizando gavetas. Já Tomáz, farto de leite, cambaleava até o sofá e dormia

horas, as pernas compridas jogadas sobre o encosto.

Naquela tarde, Tomáz se ressentiu de não participar da sesta de mãe e filho no quartinho de empregada e cavou para si um espaço entre a adormecida Ana e seu bebê e ali dormiu também, o rosto enterrado entre os peitos cheios da empregada.

Foi o fim.

A mãe de Tomáz chegou mais cedo do trabalho e não vendo sinal do filho e de Ana, acabou pisando no território desconhecido da área de serviço e ali viu a empregada de peitos nus, adormecida com os dois meninos em suas tetas.

Mesmo de natureza contida, a mãe não pode deixar de gritar. E assim Ana pegou o trem na Central do Brasil de volta para Baixada Fluminense sem sequer uma carta de recomendação. Tomáz, depois de muito ser perguntado, explicou detalhadamente o acontecido, nunca convencendo a mãe por completo da inocência de Ana.

- Tive que demitir, Zécarlo!, a mãe repetia antes de dormir. Que fixação desse menino com essa vaca! Nunca faltou nada nessa casa, um toddy! A gente faz o favor de contratar já embuchada, pra isso. Acredita que o filho nem registro do pai tem?

Tomáz tirou o dedão da boca e cambaleou até o quarto. Já tinha ouvido demais.

III

Juntou algum dinheiro do lanche, e com o endereço roubado da agenda da mãe e uma ou duas perguntas para os garotos mais velhos Tomáz chegou na Central do Brasil e pegou o parador para Mesquita. O barulho ritmado, o calor e o longo trajeto quase o fizeram acreditar que tinha entrado no trem errado, mas um par de horas depois, ele desceu na estação e virando uma ou duas ruas, encontrou a pequena casa gradeada e tocou a campainha. O som de chinelos lentos veio crescendo até que Ana apareceu na janela.

- Menino, o que você tá fazendo aqui?

Sorrindo ela abriu a porta. Seu bebê agora engatinhava alegremente pelo piso de lajotinhas.

- Quer um fresco?

A irmã e a mãe de Ana vieram ver quem estava em casa, as duas olhando desconfiadas.

- Manda esse moleque de volta, Ana. Daqui a pouco a mãe dele te arranja um problema.

Mas Ana quis ouvir. Tomáz não disse muito, mas ela entendeu um confuso pedido de perdão, misturado com declaração de afeto incondicional. Ela se enterneceu. Ele pediu para ver mais uma vez, pela última vez a infinita brancura dos peitos de Ana, mas ela pegou seu filho no colo e carinhosamente enxotou Tomáz da casa.

Expulso, Tomáz olhou para o céu e o que viu uma nuvem escura e pesada em forma de vaca, os chifres apontando o infinito, as tetas se derramando e se dissolvendo no céu. Não demorou nada pra chuva branca e quente começar a cair, encharcando suas roupas, cabelos, mochila. Provou o líquido, a língua a caçar as maiores gotas. Na rua, sozinho, ele experimentava o calor daquela tarde, bebendo do céu, se deleitando nas poças, celebrando a fonte infinita que tinha descoberto.

Ao vê-lo em festa se afastar pela janela, a irmã de Ana se espantou:

- Como são estranhos esses meninos ricos.

- Menino é tudo menino, retrucou Ana, e foi cuidar da sua vida. O tempo estava fechado e as roupas úmidas ainda balançavam no varal.

::

A memória da puta

para Luciana Nepomuceno

“quando eu era pequena sonhava, como toda garotinha, que um príncipe em um cavalo branco viria de uma terra distante salvar a princesa de seu sono mortal imposto por uma bruxa má. A única diferença entre eu e as outras meninas da minha idade é que eu experimentei me imaginar não a princesa, mas sim bruxa, príncipe, e até mesmo ser eu inteira, uma terra distante, inexplorada. Porém um dia me descobri cavalo. E uma vez cavalo, você nunca mais se contenta em ser alguém novamente.”

Ser cavalo. Leu o trecho mais uma vez. Quando a mãe lhe entregou os diários, tinha certeza que ali descobriria a si mesma, recuperaria o fio que ao ser puxado desvendaria os mistérios da sua memória. Teve raiva da outra, aquela que era no passado que ao invés de escrever dados concretos a respeito de si mesma e de suas atividades cotidianas, ficava repetindo incessantemente as qualidades de um cavalo.

O que sabia sobre si depois do acidente é que:

Número um: se chamava Juliana.

Número dois: tinha 23 anos.

Número três: ela era a maior puta da faculdade de veterinária.

Sobre os itens um e dois, eram informações repetidas a exaustão pela mãe nos primeiros dias após o acidente, quando seus olhos eram vidrados e assustadiços, quando o seu corpo se mexendo ainda era grande novidade. A alegria da mãe foi imensa quando ela repetiu “me chamo Juliana, tenho vinte e três anos de idade”, mas a verdade é que não tinha lembrado, tinha apenas decorado.

Sobre a informação número três, soube poucos dias depois de ter acordado, quando Vanessa - sua auto declarada melhor-amiga-para-sempre - foi visitá-la. Pediu para ficar a sós com a garota, afinal as auto declaradas melhores amigas para sempre geralmente tem informações que aos outros podem parecer chocantes. E mesmo com o corpo dolorido da batida de carro, não quis se lamentar e foi logo perguntando na lata quem ela era, o que fazia, quais eram seus segredos e Vanessa sem pestanejar respondeu. Agora Juliana sabe que na respeitável instituição federal onde respeitáveis quatro mil seiscentos e noventa e quatro estudantes aprendem respeitáveis profissões ela é considerada a maior puta. Riu e respondeu que pelo menos já sabia que se destacava em alguma coisa, e se não era pelo brilhantismo acadêmico que fosse pelo sexo, afinal é esse o tema que movimenta as conversas de mesa de bar, os programas televisivos, o cinema, o teatro, as famílias, o comércio e qualquer atividade humana ou animal. Vanessa se animou - estou vendo que você ainda está aí dentro.

De resto não sabia seu prato favorito, ou a cor dos olhos do seu irmão menor (ele entrava correndo no quarto ela nunca conseguia capturar se eram verdes ou azuis - mas simpatizava com a eletricidade do moleque), se gostava mais de praia ou montanha, se odiava alguém, se era de esquerda ou de direita. Mas e daí? Faria diferença se soubesse? Duvidava que fossem essas coisas triviais que a definiam, que a compunham. Nem se dava ao trabalho de perguntar, se um dia permitissem a ela levantar daquela cama naturalmente a vida, didaticamente, lhe explicaria essas coisas. Queria era saber mais. O que se passava dentro. Aquelas coisas indizíveis, aquelas coisas que nem passam pelo pensamento, pois nascem no corpo e no corpo morrem antes de serem promovidas a raciocínio. E intuía que essas coisas a gente só revela na sofreguidão da entrega. E foi aí que entendeu como se encontraria.

“afinal cavalos vivem em grupos e usam uma linguagem corporal tão complexa quanto a língua falada. Bandos de cavalos são liderados por uma matriarca. Potros nascem e logo ficam de pé, pois a velocidade é fator preponderante para a sobrevivência das espécies selvagens. Eles são fortes e belos, porém não óbvios. Cavalos lutam fisicamente pelo que querem, são agressivos, mas não violentos, são domesticáveis, mas não é possível escravizá-los.”

Fechou o diário e de dentro dele caiu uma folha solta, nela uma lista de nomes. Desconfiou. Ligou para Vanessa, que rápida e loura apareceu na sua casa e confirmou: sim, são eles. Os homens. Aqueles.

Vanessa logo se colocou contra o plano, afinal por mais gentis, bons de cama, generosos, gatos, divertidos ou misteriosos que fossem isso só reforçaria a ideia de que Juliana era quem era: a saber: puta. Não importava acidente, coma, batida de cabeça, perda de memória que Juliana ainda seria uma puta se instistisse em ficar agindo como uma.

Pensou em quanta gente no mundo não daria o dedo mindinho para se refundar, começar do zero, sem passado algum, no auge da juventude. Usando a comoção causada pelo seu acidente poderia se tornar um exemplo, uma santa, uma qualquer outra, mas sinceramente - se a Juliana do passado se dedicou tanto para ser essa, vamos pelo menos honrar os seus esforços.

Nos dias subsequentes eles foram chegando, alguns contrariados como que convocados para o serviço militar, outros leves, como convidados para um baile de debutantes, porém todos inquietos.

Quem eu era?, ela perguntava.

Os lacônicos respondiam: você era uma estudante, você era a moça que eu conheci no bar, você era amiga da minha prima.

Logo os dispensou.

Mas outros disseram mais. Obscenidades sobre os talentos da sua língua tanto a de carne, quanto a falada e a escrita, da desenvoltura da sua nudez, do seu humor, das suas opiniões estapafúrdias sobre a paz no oriente médio, da maneira com a qual subia em cima deles, sobre a fome avassaladora que ela tinha pela manhã depois do sexo, como ela era gentil com os velhos e não suportava as crianças, como ela tinha uma bela bunda, mas uns peitos meio pequenos demais, que ela mentia maravilhosamente bem ou que era de uma sinceridade desconcertante, sobre a preferência por filmes ruins, pois os bons filmes são tristes demais, da sua falta de traquejo com gente infeliz, do seu jogo de cintura para situações constrangedoras e até mesmo o contentamento absoluto que a invadia nos dias de inverno com sol no Rio de Janeiro.

Descobriu uma pilha de almas gêmeas. Melhor, descobriu a absoluta falta da necessidade de almas gêmeas quando se pode ter almas primas, almas colegas, almas vizinhas e até almas levemente conhecidas, dessas que temos que olhar bem e franzir de leve a testa para reconhecer, mas quando reconhecemos é uma verdadeira festa. A festa descompromissada de se ver pelo olhar do outro.

Colou no próprio corpo as informações, fragmentos, fatos e invenções que ouviu, espalhou pela pele, engoliu, enroscou tudo nas crinas, entre as coxas, no rabo, nas patas, e no espelho, percebeu-se inteira, em tamanho, complexidade e incompletude. Foi assim, equinamente sem direção, que disparou veloz pra dentro de si.

::

Descompensada

Deu uma banana pra cidadezinha em que morava, pra aquele povo fofoqueiro, pra única linha de ônibus, pro namoradinho de infância, e principalmente pra paisagem bucólica cheia de inha, inho: passarinho, brisazinha, riachinho, graminha, arvorezinha. Queria pedir um táxi e falar: chofer, toca direto pra Copacabana!, pois em Copacabana é onde se vive de verdade, um lugar cheio de ão: marzão, calçadão, multidão. Mas dura do jeito que estava foi se sacolejando num ônibus direto da rodoviária Novo Rio, uma hora e pouca até chegar na orla. De soslaio viu um homem misterioso sentadinho num banco na praia. Até deu um arrepio na espinha, mas estava anoitecendo e ela precisava logo chegar na Barata Ribeiro e tocar o interfone do Laurinho.

O Laurinho estava amarfanhado como o habitual, e demorou até entender que tocavam no seu apartamento. Joyce. Quem raio é Joyce? Joyce de São Miguel!

Pequeno *flashback*: três meses atrás Laurinho teve a brilhante ideia de passar a ressaca do carnaval perto da natureza, fugindo dos credores e dos clientes que iam até seu apartamento descolar uma maconha malhadinha e um pozinho sem vergonha que lhe garantiam o sustento. Se meteu a acampar numa cidadezinha com cachoeira e esqueceu que cachoeira tem mosquito, que a barraca é quente, que só dá pra

comprar Marlboro depois de quarenta minutos de caminhada e para espantar o tédio se enfiou no único bar da cidade, bebeu mais que a cobra e distribuiu seu endereço e seu telefone em tantos papeizinhos que poderiam fabricar toneladas de confetes e serpentinas com eles. Enfiou a língua numa morena baixinha e elétrica e logo depois deu uns amassos em uma loura grandalhona e coxuda. Pras duas disse “nunca conheci uma mulher como você, me visita, passa lá em casa qualquer dia desses, Copacabana merece a sua presença”. Torceu pela moreninha.

Falhou. Abriu a porta e a loira entrou filmando todo o apartamento.

Joyce se decepcionou um pouco. Era um apartamento pequeno, entulhado, distante da imagem glamurosa da zona sul do Rio de Janeiro. Uma cueca suja se equilibrava em um abajour, marcas de copos vazios marcavam os móveis, um prato com um resto dinossáurico de macarrão estava em cima da televisão. Quase teve saudade da cidadezinha-inha, mas já que estava ali resolveu seguir em frente com o plano original.

- Nossa, Laurinho, quanta frieza para receber uma velha amiga.

Laurinho tirou as roupas sujas e as bitucas de cigarro do sofá e Joyce sentou, cruzando as coxonas. E como o silêncio fosse demais para os dois inquietos, resolveram se atracar ali mesmo, repetindo a performance do barzinho de São Miguel, só que dessa vez, envoltos pela mágica marofa de cinza de cigarro, poeira ancestral, ácaros e outros resíduos sólidos microscópicos que se lançavam pelo ar no balanço de seus corpos semi nus.

Duas semaninhas depois Joyce já tinha se estabelecido como senhora do espaço. Com a conivência do porteiro catava umas florezinhas amarelas no jardim de um prédio na Ferreira de Araújo e decorava o apartamento do Laurinho, passava aspirador e rodava a baiana quando ele largava o lixo do banheiro aberto. Ela tinha feito um esquema administrativo pra zerar as dívidas, catalogou os clientes, organizou o estoque. Ele aceitava e continuava escarrapachado no sofá observando a beldade se esfalfar na faxina. Acabou, por inércia, a se apaixonar de leve pela Joyce.

Já Joyce não esquentava a cabecinha loura pensando no que sentia pelo Laurinho, tinha era se enrabichado por Copacabana. Ela e o bairro nasceram um para o outro, ela estava diluída entre iguais, tão em casa, que o único homem do bairro que não olhava pra sua bunda era a ensimesmada estátua do Carlos Drummond de Andrade, sentadinho e bronzeado num banco do posto seis da praia.

Aquilo deixava a Joyce pra morrer, a indiferença do poeta. Tinha ouvido falar que ele era um admirador das belas mulheres, e que até tinha feito poesia pra uma bunda arquetípica, era inconcebível que ele não a notasse. Decidiu então conquistar o homem. Era um desfile de sainha, shortinho, top de barriga de fora e biquini cortininha na frente do Drummond. Nada. Começou a jogar baixo e fazia alongamento esticando as canelas nos ombros mineirinhos, tomou até um esculacho do Guarda Municipal pra não ficar bolinando o patrimônio. Pensa que ela ligou?

Quem não tava gostando nada dessa história era o Laurinho, que ouviu pelo bairro que sua mulher andava se engraçando com outro. Que esse outro nem era *de verdade*, não importava. Real ou fictício, corno é corno e ele tinha que tomar uma atitude. Difícil mesmo era ter coragem de sair do apartamento para fazer

alguma coisa, pela sua experiência, toda vez que botava o nariz pra fora, o imprevisível acontecia, mas mesmo parafuso na frente da tv e futucando no celular chegavam informações da Joyce trocando segredinhos de bronze com o ilustre careca. Laurinho sabia que não estava em sua melhor forma, mas não era velho, era vivo e tinha cabelo à beça, na cabeça e no resto. Se tranquilizou - é ruim dela me trocar.

Mas a Joyce passava cada vez mais tempo fora de casa e o Laurinho foi ficando doido. Ou doida era a Joyce: corria à boca miúda que uma lourona passava tardes e tardes batendo maior papo com a estátua, até turista vinha tirar foto. Ele olhou o apartamento: a desordem tava voltando a tomar conta, não sabia mais viver no chiqueiro anterior, precisava encerrar aquele assunto. Falou com o Jãojão que ficou de lhe arranjar uma automática, mas apareceu mesmo com um 32 bem capenga. Mas iria servir.

Joyce estava lá, trocando confidências com o poeta, falando da infância de subir e descer de árvore, do pai mortinho que Deus o tenha, segredinhos e quetais sobre a sua pessoa quando chegou Laurinho arma em punho ordenando que ela levantasse do colo do Carlos.

- ah, mas não levanto mermo, quero ver vim me tirar.

Confusão. O Laurinho puxava a Joyce, ameaçava com a arma, começou a juntar gente, até que apontou a arma bem no meio dos olhos do Drummond e atirou. Não sabemos se o poeta tinha a cabeça dura ou a arma do Laurinho era mesmo uma merda mas a bala ricocheteou e pegou bem na coxona na Joyce. Ela ficou uma arara, catou a arma da mão do Laurinho tacou ele no calçadão e atirou três vezes pra matar. Gritaria.

Sorte da Joyce que era boa de tudo, menos de pontaria, não pegou nada. Polícia chegou, foi maior fuzuê, levaram a gata loura pra delegacia. No corpo delito mostrou o raspão na perna: legítima defesa. Quis até enquadrar ele na Maria da Penha, mas achou que pior castigo do que ficar sem ela não havia e ficou por isso mesmo. Problema que as testemunhas todas viram o Laurinho atacar a estátua, já ela tinha era atirado num *serumano* mesmo. Tava saindo toda serelepe quando a delegada lhe abordou - tentativa de homicídio é crime, dona. Levaram a Joyce direto pro xadrez.

Não achava mesmo que aquele uniforme valorizava as formas, mas era o que tinha pra hoje. Descobriu que assim como as outras tinha se metido na criminalidade por causa de macho, ai se arrependimento matasse!, mas agora estava feito. O jeito era deixar o tempo correr e correr de volta para os braços do amado.

- Hi Joyce, tu acha que homem espera mulher que pegou cadeia?

Lembrou do Drummond sentadinho no posto seis. Certeza absoluta que homem seu só sabia fazer esperar por ela.

::

Biscatinha

Na sua opinião a mentira andava muito subestimada. Falar a verdade era muito fácil, o olho via, a boca

repetia, o coração sentia, a boca repetia, a orelha ouvia, a boca repetia tudo igualzinho. A Verdade era uma fotocopadora triste, xerocando os mesmos erregês e cepeéfes da vida. Por isso ela mentia que nem sentia. Era praticamente uma expert no assunto, mas a mentira preferida mesmo era da avó adoentada que morava em um asilo na Tijuca. Arregalava-se e produzia uma lágrima equilibrista que se demorava para cair, empoçando por infinitos segundos os olhões azuis. Pronto. Mais um pato.

Atuava ali pela praia, na frente dos hotéis. Gostava de gringo. Por ser magra e pequena, parecia frágil, logo eles morriam de dó. O sistema era o mesmo: boa garota virava garota má. Chamava o táxi do Vilmar ali na Atlântica, fingindo que era um táxi qualquer. Quando já estavam se engalfinhando, o gringo cheio de um tesão penalizado pela pérola atolada no subdesenvolvimento, o Vilmar entrava numa vielazinha do Leme e freava bruscamente.

- Garota, me passa os documentos!

Gringo sem vergonha, não vê que ela é *under age*? Prostituição é crime, vai pro xilindró, *jail*, rapá, fazia ele sobrepondo os dedos de uma mão na outra, sinal universal de enrascamento. *You will see the sun born square!* Ameaçava o Vilmar, guardião da moral. Cheia de pudor, ela ajeitava as roupas, implorava pelo Romeu desavisado, jurava por tudo quanto é mais sagrado que não era puta não senhor e que estava apaixonada. Vilmar aterrorizava, o gringo cedia, liberava os euros, as doletas, os ienes e partia em carreira para longe da garota, do taxista, e do Brasil se fosse possível. Ali num barzinho no pé no Chapéu Mangueira ela e Vilmar dividiam os espólios.

- E aí, vai dar um tempo?

- Eu lá tenho tempo pra dar tempo, Vilmar? Te ligo.

Precisava terminar de juntar o dinheiro. Tic-Tac. Descia a ladeira já pensando que deveria começar a atuar na Barra, tava ficando conhecida ali pelo circuito Fasano - Copacabana Palace - Marriot - Othon e precisava mesmo mudar de ares. Faltavam duas semanas exatas pra que ela fizesse dezoito anos e aí? Podia descolar uma identidade falsa, mas o fato é que aquela carinha ia denunciar logo logo a idade verdadeira. Seu tempo estava acabando e precisava pensar no que fazer dali pra frente. Só se é jovem uma vez, ela ouviu um dia numa música ruim. Parou num bar da Princesa Isabel, pediu uma Coca Cola em lata, bebeu num gole e colocando os fones, pegou o ônibus pra Tijuca.

::

Com as unhas impecavelmente pintadas no rosa estridente “Barbie Malibu” ela mandou uma mensagem pro Vilmar:

Posto três, 18:30.

Tava até gostando do esfrega-esfrega com o Chilenito sarado e cara de néscio. Tinha saído da sua zona de conforto: jovem, durango e latino, e resolveu aproveitar. Nem mandou o conto da vovozinha tijuicana, nem da viuvinha de chacina, nem da mãe que cuidava de gêmeos irremediavelmente doentes; tava toda toda, e com a auto estima em alta disse que era *Samba Queen*, que não adiantava ele se apaixonar, não

tava afim de compromisso e estava era casada com seu Grêmio Recreativo Escola de Samba. Ele aceitou os termos, e ela foi puxando o cucaratchinho pelo braço até o calçadão. Cadê Vilmar? Mas o Chilenito não se aguentando nas calças fez sinal para um táxi genérico e empurrou a sua *novia* pro banco de trás, já cheio de amor pra dar.

Foi um desastre. Sem script ela travou sentadinha de pernas fechadas, mãos nos joelhos. Chilenito sentiu a sinceridade do drama e se desmanchou em gentilezas. Quer que eu te deixe em casa? Não. Quer comer alguma coisa? Não. Quer voltar pra praia? Não. Quer chegar no meu hotel? Quero.

Saiu sem querer.

Foi um amor violento. Coisa de se apaixonar em um quarto de hora de nudez, mesmo pra ela, que tinha o hábito de tirar a roupa todinha e ainda assim deixar a alma fechada numa burca. Falaram sobre tudo, criaram teorias místicas para o fato de estarem ali, juntos, os dois. Ela não contou nenhuma verdade factual, mas contou daquelas verdades que a poucos contamos, a verdade sobre o que sinceramente achamos de nós mesmos. E o amou. E teve medo dele, pois percebeu que por ver as coisas de forma franca e simples, ele era impossível de ser ludibriado. daquelas pessoas por quem a mentira passa reto, sem colar.

Depois da exaustão desse encontro, dormiram suados e espalhados na cama numa tentativa de captar o fraco vento que o ventilador do hotel zero estrela ventava. Ela acordou antes. Olhou longamente para o primeiro grande amor e se despediu silenciosamente com lágrimas nos olhos enquanto depenava a carteira do rapaz.

-

Menina, pra que você quer tanto dinheiro? Daqui a pouco dá pra comprar todos os barquinhos da Marina da Gloria, o Bondinho, o Cristo, o reflexo dos prédios na Lagoa, as estrelas, a via láctea inteira! E você, Vilmar, seu enxerido, pra que precisa de tanto dinheiro? Ah, eu tenho três meninos pra criar, cada mãe é uma rapina! Mas você, tão nova...

Queria dinheiro para não precisar nunca de dinheiro. Queria dinheiro pra fugir da miséria. Não a miséria dos sem comida e dos sem esgoto, que essa nunca passou e nunca passará. Mas a miséria de ter que pensar no dinheiro, de ter que correr eternamente atrás dele, de fazer continha em caderno pautado e passar a vida pensando no atraso da conta de luz. Era melhor gastar-se agora do que depois.

Como era intrometido o Vilmar. Um dia contava pra ele. Mas agora precisava era tirar aquela nhaca de amor de si e voltar a velha forma. Faria aniversário amanhã, fim de linha - olhou pras mãos e viu a lasca do "Barbie Malibu" saindo das unhas. Odiava trabalhar com o esmalte descascado. Mau agouro. Perambulou pela areia, escolhendo com cuidado. Um homem gordo e vermelho usando papetes e viseira olhava fixamente pro mar. Sentou-se ao lado dele e começou a lenga-lenga, mas velho triste é uma foda mal dada. Começou a contar que ela lembrava a filha, dos prados verdes da Irlanda, de como sofria dos pulmões e como era bonita a vida de quem se conformava com a morte. Contou que antes de começar torrar o dinheiro todo de velho doente pelo mundo teve que decidir o que fazer com o cãozinho moribundo, cego, desdentado e diabético que lhe acompanhava a quase vinte anos, nos melhores e nos

piores momentos. Depois de muito refletir, pegou o bicho com as mãos, lhe beijou o focinho e viu pela última vez o rabo decrepito se abanar, com extremo esforço e alegria, e foi lentamente torcendo seu pescoço até sentir a vida ir abandonando devagar o corpinho peludo. No gramado de casa ele enterrou Zip, e colocou ali um belo arranjo de flores antes de pegar o táxi que o levaria ao aeroporto. Sabe?, eu não podia deixar um qualquer fazer o serviço. Eu o amava. Ela arregalou os olhos, mas ele informou que não era nenhum psicopata. Olhou bem na cara dela e disse que sabia exatamente o que ela fazia. Tirou um maço gordo de dólares da carteira e falou que ela podia ir. Desde a morte de Zip ninguém o ouvia mesmo. Foi um prazer conhecê-la.

Saiu dali meio atordoada, espanando a areia das canelas. Que dia. Que maneira de encerrar uma carreira bem sucedida. Mas os poucos anos lhe ensinaram a aceitar o imprevisível. Mandou uma mensagem pro Vilmar dispensando os seus serviços, mas ele insistiu para se encontrarem no barzinho do Chapéu Mangueira; se fez de cansada, mas foi.

Chegando lá, Vilmar abriu os braços e apontou a mesinha de metal. Um bolo de aniversário com uma vela em cima e a cara sorridente do taxista cantando a plenos pulmões um *parabéns pra você* solitário. Quis fugir dali, mas afinal, o que era Vilmar senão um amigo?

Comeu um pedaço do bolo, bebeu uma água com gás e olhando no relógio disse:

- Tá na minha hora, tenho que ir.

- Pra Tijuca?

- Fecha a conta aqui, amigo!

- Teu aniversário, deixa por minha conta.

Adeus, Vilmar. Abriu uma lata de refrigerante e foi indo pro ponto de ônibus desejando ter uma avó no asilo, uma mãe cuidando de gêmeos irremediáveis, qualquer infortúnio ou tropeço que a justificasse. Olhou bem pras mãos, as unhas trágicas. Se despencava mesmo até a Tijuca, único lugar do mundo onde uma manicure competente cobra quinze reais, isso era um verdadeiro lar. Colocou os fones de ouvido e com a cara colada na janela foi cantarolando uma música alegre sobre os felizes moradores de uma ilha.

::

A Fútil

Quartas-feiras eram um problema terrível em sua rotina: nas terças e quintas nadava no clube, às sextas ia a um encontro de amigas com os mesmos interesses - disciplina dos empregados, trocar telefones de serviços de confiança como eletricitas, massagistas, tutores escolares. Sábado era o dia da compras e do lazer, domingo o momento onde ela e o marido alugavam uma comédia e comiam pipoca *light* sabor manteiga para matar a vontade sem aumentar o colesterol. Mas às quartas Antonio Julio tinha *poker* e as meninas estudavam o dia todo e ela era obrigada a ficar em silêncio consigo mesma. Nada mas arriscado.

Por exemplo, foi em uma perigosíssima quarta feira que ela percebeu que durante todos esse anos tinha alimentado uma auto ilusão. Sim, casou-se na Igreja. Não por convenção, mas para festejar um momento especial. Sim, teve filhos. Já tinha pensado em não tê-los na juventude e lhe pareceu a ideia mais sensata, mas com o passar do tempo percebeu que filhos são a concretude do amor e o nascimento o mais importante rito de passagem que existe. Por fim escolheu abandonar uma década e meia de uma bem sucedida carreira comercial - não por duvidar do próprio talento, mas por entender que nenhum trabalho é mais importante do que construir uma existência sólida e real para uma família. Mas agora olhando para as duas meninas, crescidas, inteligentes e bem comportadas até demais, via que não fazia a menor diferença - ela era exatamente igual a todas as outras - louvava o bom caráter, os bons sentimentos, a ordem, a limpeza e todas as outras coisas que blindam a vida da sua natural instabilidade. Sabe-se lá por que achou que estava livre de seguir um destino de mulher.

Jogou a cabeça pra frente e escovou a cabeleira negra com força. Graças a Deus esse dia horrendo estava acabando.

Mas quando mesmo tinha começado a acreditar em Deus?

Parte II

Um brinde na piscina

Foi quando a filha mais velha teve uma convulsão febril. Ela era muito jovem e teve certeza que sua vida acabava ali, com o corpinho da filha sucumbindo no seu colo. Foi ali que aprendeu a rezar e depois disso parou de brigar com Deus, deixou que ele fosse Deus, o mesmo Deus de todas as pessoas e decidiu não pensar mais no assunto.

Lembrando disso ela colocou os óculos de natação e caiu na piscina do clube. Gostava da sensação de controlar o ar, o fluxo necessário para três, quatro ou cinco braçadas. Fazia os giros e forçava o corpo, ela e a água em comunhão. Nos últimos minutos do treino resolveu atravessar a piscina sem renovar o fôlego. Encheu-se de ar e foi de olhos fechados, cabeça enterrada na água. Sentiu os pulmões apertarem, a garganta, a ardência. Quando a escuridão começou a se anunciar, sentiu o azulejo nos dedos e emergiu, arfando e segurando na borda. Com os óculos embaçados e fora de foco viu os pés do homem, uma pequena tatuagem negra manchada, lembrança de uma juventude despreocupada. Imediatamente o reconheceu.

Aceitou tomar um drink no bar da piscina e relembrar os velhos tempos. Ele tinha conhecido o mundo. As mulheres. Cada fragmento de história era uma lembrança incomoda de como sua vida era trivial e desinteressante. Desejou trocar de lugar com o homem. Ser o homem. Se fundir com o homem. Colocou suas mãos sobre as mãos dele, e ele aceitou. Continuaram a falar, as mãos se apertando, se sustentando, unidas como as mãos de um naufrago num pedaço de madeira. Ele contava uma longuíssima história sobre um gato que o perseguiu pelo Camboja, o seu afeto pelo animal, o gato que o olhava fixamente comunicando algo que ele não era capaz de alcançar. Comprou em uma barraca de rua uma panqueca intragável, recheada de vegetais exóticos e sentado na rua dividiu com o gato aquela refeição de dois perdidos. Logicamente depois do banquete o gato desapareceu. Admirava os gatos e não entedia por que depois de uma certa idade as pessoas preferiam os cachorros. Era um sintoma de mulheres, principalmente, se render aos cães, a facilidade dos cães. Mas certamente ela não teria sucumbido.

Desejou mentir a respeito do labrador amarelo que certamente agora estaria destruindo o seu gramado. Sobre os dias dedicados ao maldito cão, que era das filhas, mas acabou, como tudo, caindo em suas costas. As patas imensas do cão ficando agora, como uma muralha, entre ela e o homem. A sua banal existência ficando entre ela e a vida que teimava em acontecer fora dos muros do condomínio. Mas não conseguiu.

Odiou o homem. Se ele desprezava os cães e sabia andar com desenvoltura pelas ruas da Ásia ele também ignorava diversas outras coisas. Não é possível saber tudo, saber o que ela sabia, pois só quem já esteve confinado por meses ou anos em uma vida essencialmente doméstica pode entender a grandiosidade, o júbilo e a tragédia das pequenas coisas. Quando você está intoxicada de cotidiano, bebida de detergente de lavar louça, afogada em panos de prato é que é possível encontrar sentido em baratas esmagadas, lacraias nos ralos, ovos quebrados, torneiras pingando, entupimentos e transbordamentos de toda ordem. Os intelectuais e os aventureiros podem se debruçar à vontade sobre essa condição, mas só vai compreender sua totalidade quem já foi, pelo menos por um dia, dona de casa. Ele nunca entenderia absolutamente nada sobre isso.

E de mais a mais, apesar de não dever um pingo de lealdade ao Antonio Julio não se imaginava trair os bons e maus momentos passados com o cão. Mostrou uma foto do bicho no celular, se enrolou na toalha e se despediu cordialmente, desfazendo os nós náuticos que os seus dedos teimavam em fazer com os dedos dele.

Parte III

Mar aberto

Eva, você pintou o cabelo de vermelho? O Antonio Julio colocou as mãos nos cachos da mulher, girando o indicador em uma mecha. Gostou? Ele voltou os olhos para livro, e ajustou os óculos.

Você quer ficar parecida com a artista da novela, Eva? Ficou diferente, Eva. Eu até me acostumo, Eva. Da próxima vez me avisa, Eva. Seu cabelo preto era tão bonito, Eva. Boa noite, Antonio Julio. Ela apagou a luz do seu abajour e se aconchegou no corpo do marido, e fechou os olhos tentando lembrar quando tinha feito alguma coisa genuinamente egoísta.

Quando ela era solteira gostava de nadar no mar, primeiro com um grupo do Botafogo, depois com um pouco mais de confiança, sozinha. Urca, Praia Vermelha, Leblon. A solidão aquática e o corpo flutuante promoviam algo que quase se parecia com a paz. Um tempo depois resolveu ensinar as filhas a nadar e as levou a praia para apresentá-las à mãe-peixe, habilidosa pessoa subaquática, mas as meninas choravam em desespero na areia gritando para que ela saísse da água. Eva atendeu os apelos, voltou para areia e abraçou as filhas, prometendo que não ia mais nadar em mar aberto, que estava tudo bem e ficaria ali com elas montando castelos de areia, chapinhando nas ondas rasas, tomando sol. E assim passaram aquela tarde desbotada de passado, ela inteira pertencendo às duas pequenas e adoráveis tiranas que lhe enchiam de beijos e exigiam picolés e atenção.

Porém o presente não mais podia negar a existência do oceano. Na frente de Eva as ondas quebrando intermináveis na janela do apartamento, então não esperou mais uma quarta feira amanhecer. Vestiu

silenciosamente o maiô para não acordar o Antonio Julio e desceu para rua.

Os postes da orla ainda estavam acesos, não perceberam que já amanhecia. Em linha reta ela atravessou a pista, pisou a areia, sendo ignorada pelos ambulantes que montavam suas barracas, pelos bebados que ainda não tinham sido expulsos pelo sol e se jogou na água sem nenhum ritual de proteção, furando as ondas, ganhando o mar, bebendo o sal até que sua cabeça se tornasse um pequeno ponto vermelho, minúsculo e indeterminado. Nadou até respirar mar, até se sentir mar e até se tornar um mínimo coral invisível aos olhos dos desatentos.

::

Esquisita

Os copos de plástico com restos de refrigerante quente faziam um barulho irritante nas nossas mãos suadas, denunciavam a nossa ansiedade diante do Dj, que como um torturador, colocou uma música lenta no fim da festa quando todos nós pensávamos que tínhamos escapado. Os pais já meio bebados não percebiam a gravidade do momento. Escolher um par agora era como uma declaração pública de intenções, e seria impossível fingir que nada aconteceu na segunda feira. O primeiro tempo de aula seria dedicado aos bilhetes e impressões sobre a festa.

Lentamente os casais foram se formando. Primeiro o Vito com a Julinha. Mas o Vito já fazia faculdade e não morava mais na Tijuca, e a Julinha era prima dele e era feia então tudo bem era um acordo tácito e cordial entre eles, uma espécie de caridade adolescente. Mas depois o Danilo e a Verônica se levantaram, eles que juravam que eram só melhores amigos, aham, sei, e quase ao mesmo tempo o Gustavo e a Fernanda, o Luiz e a Deia e a pista de dança improvisada do salão de festas do prédio ficou pela primeira vez mais cheia que o local reservado para mesas e cadeiras no meu aniversário.

Apaguei meu cigarro e saí de trás da muretinha da piscina. Dei o último gole no guaraná pra disfarçar o cheiro da fumaça, e fui andando desajeitada com aquele vestido azul apertando meu quadril e meus peitos e fui procurando o lugar ideal, aquele lugar onde eu estaria convenientemente recolhida para não ser notada, mas ao mesmo tempo visível o suficiente para não perceberem a minha ausência e foi então que eu vi a Mari sentada perto da varandinha fazendo uma escultura nojenta de palitos de dente, guardanapos e restos de coxinhas e risoles. Era o lugar perfeito.

Não sabia exatamente por que a Mari figurava na sua lista de convidados, mas ela era como uma sombra sorridente e cordata passeando pela escola, onipresente em todos os eventos, com seus cabelos castanhos, altura média, peso médio, notas médias e personalidade média. Não era amiga íntima de ninguém, não participava de grupos e ninguém sabia onde ela morava, só que o pai dela era advogado e a mãe fazia visitas domiciliares para vender muamba gringa: hidratantes de baunilha, camisetas GAP, perfumes Dior, pedacinhos de ilusão pagos em dólar. Essas coisas. Sentei do lado dela. E aí?, eu disse. Ela disse parabéns, maneira tua festa. Eu respondi valeu. E ficamos olhando a pista.

Todas as minhas amigas usavam vestidos inconvenientemente justos, curtos ou decotados ou tudo isso e a maioria dos rapazes não fazia ideia de como se vestir ou se comportar, afundando a cara no pescoço de suas parceiras, os cabelos escovados delas grudando no rosto deles, o calor de dezembro deixando a

atmosfera úmida e pesada “*Listen to your heart when he’s calling for you*” e os corpos se apertavam indiferentes, como se a música ordenasse todo aquele movimento e os participantes da dança não se mexessem de forma proposital.

- Meio ridículo não?

- O que?

- Tudo isso, a dança, as pessoas fingindo.

- Não sei, nunca ninguém me tirou para dançar.

- Então por que você não escolheu alguém para dançar com você?

Ela ficou em silêncio. Ninguém que eu queira dançar dançaria comigo, ela disse. Sofremos do mesmo mal, todas as garotas, queremos o inatingível, o cara do terceiro ano, o professor de geografia, o guitarrista inglês, não é grande novidade, por isso não danço com ninguém também. Ela disse que eu deveria dançar, era o meu aniversário, devemos dançar no nosso aniversário, e nenhum garoto teria cara de pau de recusar um pedido da dona da festa. Mas eu não queria mesmo dançar, eu não queria comemorar, eu não queria vestido, nós todos estávamos aprendendo como se comportar em um evento público e eu pra ser sincera estava achando tudo um saco.

A Mari me achou meio ingrata, mas tratou de dizer isso de forma delicada e cordial como sempre e se na pista todos dançavam nós duas travámos um duelo quase mudo onde não sabíamos exatamente o que estava em jogo, com frases cortadas, palavras deslocadas e não ditos que iam pouco a pouco se constituindo peças de um quebra cabeças a respeito dela, e depois de algum tempo, sem que eu percebesse, sobre mim também.

Eu não era ingrata, eu só não sabia exatamente das coisas que eu amava, só entendia das coisas que eu não gostava, era mais fácil assim, por eliminação. Que coisas eram essas? Eu também não sabia dizer ao certo. Que às vezes eu queria muito mesmo que me notassem, mas que tinha vergonha se me notassem ao mesmo tempo. Às vezes eu sentia que eu não estava destinada a nada extraordinário e que só seria digna de lembrança se me acontecesse uma tragédia. Se eu ficasse órfã ou fosse atropelada. Câncer talvez. Mas que nada disso me aconteceria, afinal eu tinha certeza que eu não estava mesmo preparada para as grandes coisas e como prova da minha teoria eu estava fazendo quinze anos e nem tinha me apaixonado de verdade por ninguém e o pior é que ninguém tinha se apaixonado por mim também.

Foi aí que a Mari levantou da mesa se inclinou sobre mim e encostou de leve seus lábios nos meus. Eu fiquei com os olhos arregalados, mas quando vi que ela estava de olhos fechados fechei os meus também e ela foi se afastando “*And there are voices that want to be heard So much to mention but you can't find the words*” quando eu abri de novo ela já estava sentada na cadeira ao meu lado.

- Eu não sabia que você fumava.

- Não conta para ninguém.

- Tudo bem.

A música foi acabando e os casais foram se desprendendo como que acordando do sonho e da ressaca e o Dj logo colocou uma música animada para encerrar a noite. O salão tem que fechar às vinte e duas horas, regras do condomínio, minha mãe falou quando resolveu fazer a festa. Todo mundo começou a ir embora, algazarra na rua que dava pra ouvir de lá de cima no prédio. Eu tirei os sapatos de salto e ajudei o zelador a recolher as mesas de metal, os restos dos enfeites pisados, as bexigas estouradas e a Mari ficou por ali, disfarçando, chutando chapinhas e se diluindo entre os últimos convidados até que meu pai disse que os pais dela estavam lá embaixo estacionados em fila dupla esperando pra levar ela pra casa e ela foi embora dizendo muitas vezes como foi bonita a festa e como tinha gostado de estar lá, os ombros curvados a cara afogueada quase correndo até o elevador.

Então era assim a vida depois de um beijo. Cada molécula (ou seria átomo? Devia ter prestado mais atenção nas aulas de química) do meu corpo fervilhava e comunicava um segredo. Meus movimentos eram mecânicos e controlados, minha cabeça parecia leve, vazia e ao mesmo tempo cheia de gás hélio e meu coração batia como se eu tivesse sido assaltada. Eu tinha sido assaltada.

Que esquisita sua amiga, filha, falou meu pai com uma ponta de orgulho enquanto jogava a última garrafa de refrigerante na lixeira dos recicláveis. Papai sentia muito orgulho da minha generosidade pois no primário eu era amiga do Amin, um moleque sem nenhum dedo na mão esquerda e para ele isso era a marca indelével do meu bom caráter, mas a verdade é que eu tinha muito medo da pessoa que eu seria se não me permitisse gostar dele. Meu pai percebia que faltava alguma coisa na Mari, menos visível que uma mão sem dedos e se alegrava com a minha bondade.

No meu quarto acendi o último cigarro oculto da noite e fiquei pensando na cara comum da Mari, nos seus ombros comuns e na sua figura cinza e fria que agora cintilava na minha boca, o gosto da fumaça saindo da minha língua e pela primeira vez me permiti desenhar no teto do quarto um futuro sem solidão.

::

Macha

Na tv um céu escurecido, ventos fortes e gotas de chuva diagonais e ligeiras torturam palmeiras, viram carros, destelham casas. Não estava ouvindo a voz da repórter, mas percebia o olhar de pavor embaixo do capuz de plástico amarelo. O maremoto chegava com violência até a costa do pacífico, sem ser convidado, causando confusão, medo e constrangimento geral na população da pequena e longínqua cidade. Um cãozinho encardido e molhado tenta se proteger desviando aqui e acolá dos destroços que voam sem direção, perdidos a bailar seu bailado bebado. Hannah era o nome da catástrofe natural.

A mãe logo passou e mandou todo mundo pra cama. No quarto, em cima do beliche ficou de olhos fixos

no escuro - Hannah - pensou no terremoto que se originara dentro de uma fossa submarina elevando uma única onda, gigantesca e implacável que chegaria no seu bairro, na sua escola, na casa dos primos, na praça, na igreja submergindo todo seu mundo conhecido. Estaria então, finalmente só.

Não que quiescesse de verdade a solidão completa, mas não seria mal por um dia não precisar fingir. Viu a fresta de luz entrar pelo quarto, a mãe silenciosa acreditando que todos dormiam. Sentiu a mão quente afagar os cabelos e a oração silenciosa cobriu seu corpo como um manto quente. Um lento caleidoscópio colorido girou na sua mente e foi se apagando, flash aqui, flash acolá. Ador-meceu.

::

Hanninha do céu onde você arranhou botas vermelhas? Sabe como é, difícil demais arranjar botas quarenta e um. Inda mais vermelhas. Você tem sorte, Hanninha. Foi naquela loja láprabaixo da Rua Buenos Aires? Aposto. Era o último par?

::

Hannah balançava os quadris no ritmo da música, escrevendo com sua caligrafia suave a carta de intenções para a noite que caía. Da janela um neon cor de rosa e azul projetava-se sobre o seu corpo, a luz, a sombra. Curvaturas improváveis, delírio. Sentou na cama e começou a abrir o zíper das botas vermelhas, mas a mão Dele a impediu. As botas ficam.

Precisavam de um silêncio brutal para conseguirem escutar os desejos um do outro.

::

Meu amor, meu amor.

Não tá bom pra você? O que te falta? Quer que eu mande instalar um ar condicionado? O bairro é ótimo, aqui ninguém vai te aborrecer, prometo. Sabe quanto custa o condomínio? Tem até piscina, sauna, academia. Eles não vão ter coragem... Senta aqui Hannah, vem. No meu colo. Isso. Linda... Não sofre assim não. Olha, esse fim de semana tô livre. Podemos ir ao cinema se você quiser. Não em Botafogo, podem nos ver lá. Aqui na Barra mesmo. Coloca aquele seu vestido preto com um laço nas costas. Você parece embrulhada pra presente. Será que isso é um sorriso? Olha, ela sorriu! Assim que eu gosto. Vamos ser felizes para sempre.

::

A verdade é que Hannah precisava de um emprego, de um interesse, de uma vida. Ia enlouquecer esperando pelo seu homem dia e noite, confinada no apartamento. Da janela podia ver as pessoas felizes na areia da praia jogando frescobol, vôlei, fazendo jogging matinal. O problema Dele é que achava que se ela muito fizesse, muito saísse... Quem sabe? Circulou no jornal algumas ofertas. Fingiu ser estrela de cinema, brincou no espelho, pôs uns óculos escuros e um lenço na cabeça cobrindo a cabeleira cacheada e saiu direto pela garagem no elevador de serviço sem ser notada por ninguém.

::

Boa moça ela até parece ser, né? Inglês. Digita rápido. Mas não dá. Isso aqui é um escritório de família. Imagina se chega uma cliente aqui com filho pequeno, eu digo o quê?

::

Quando soube que ela saiu assim sem avisar deu-lhe um soco na boca que o filete de sangue manchou todo o carpete. Primeiro o choro, depois o revide. Colocou Dele no chão, esbofeteou até não poder mais. Não era propriedade de ninguém. A cada tapa, o coração de Hannah dilacerava. Dele era o primeiro amigo, o único amante, aquele que permitiu - com desaprovação silenciosa - que ela fosse essa mulher. Tocou Dele pra fora do apartamento, debaixo de gritos e ameaças, cuspiu na sua cara e depois caiu de cama, doente de amor, liberdade e arrependimento.

::

Olha o chá filho. Erva doce, você gosta. Não me olha assim. Eu te avisei que esse caminho não era bom. Um homem casado! Eu sei, aos olhos de Deus são todos iguais. Mas não existe nada assim no mundo que Ele fez. Não foi Deus que escolheu que você existisse assim desse jeito. Você foi sendo assim e eu fui deixando, culpa minha. Menino cresce igual capim, sem muito cuidado, mas nem todos, nem todos. Toma, bebe. Eu fico o quanto você precisar. Quando você nasceu, tão frágil, delicado, eu senti que éramos um só. Coloquei você, minúsculo na minha barriga e você abriu os olhos para me olhar pela primeira vez. Desde aquele dia eu não pude mais não estar aqui. Mesmo quando volto pra Cachoeiro, mesmo quando não estou, eu estou. Uns vinte minutos antes de você ligar meu coração quase saiu pela boca, palpitou sem motivo. Tem uma ferida no meu peito que tem teu nome, tem uma ferida no meu peito que arde quando você precisa de mim, Henrique.

::

Um minúsculo ponto multicolorido brilhava no céu e executava sua trajetória lenta com grande exatidão. Na madrugada profunda, Hannah desperta e dá de cara com o fenômeno, lindo, lindo, lindo. A mãe, de cigarro na mão, vem ver o que diabos é esse barulho. As duas se debruçam na janela e observam o milagre que tinha saído lá de trás dos prédios, crescido, e agora cruza por cima do mar escuro da noite se se afasta em direção ao infinito.

::

- Nunca vi uma estrela assim, filho.
- É um satélite.
- Não importa. É perfeito.

::

Foi no dia do maremoto que descobriu sempre ter sido mulher. A força, o desastre. Destruindo um pequeno pedaço de civilização e entrando no seu corpo pelos olhos, pelo nariz, pela boca para não sair mais. Só não previu, quando criança, ingênua e aterrorizada como estava, que precisaria escolher ser mulher todos os dias de sua vida. Foi assim, esmagando esse reflexo assombroso, que tornou-se.

Colocou a mãe no táxi e foi andando pela Avenida das Américas, embrulhada num casaco, se protegendo da chuva fininha que caía. Em uma poça, viu o reflexo do seu rosto gentil e o brilho inconfundível, tremelicando entre as gotas. Virou-se pro alto: estava lá, fixo no céu, o satélite. Alegrou-se com o sinal, mas percebeu-se sozinha e mais uma vez temeu a escuridão. Sentia falta do Deus antigo e cálido lhe protegia as noites da infância, mas agora não tinham mais nada a se dizer. Foi um rompimento em comum acordo.

Perdida nesses pensamentos acreditou ter visto o satélite se mover. Olhou de novo e ele começou a despencar bruscamente, explodindo silencioso num clarão atrás dos prédios. Correu por entre os carros, pulou muretas, subiu calçadas até chegar ao mar. Por cima da água uma luz que pulsava - agora fraca - e de um centro pequeno e brilhante subia um vapor azul e perolado, que envolveu seu corpo, a encheu de fé, se transmutando numa figura de mulher: um Deus-Sereia, então.

Abençoada que estava, prometeu fazer de si mesma um templo.

::

Boa

Bateu o pezinho uma, duas, três vezes. Cruzou os braços. Andou o minúsculo espaço entre uma parede e outra uma, três, dez vezes. Bufou. Finalmente cansou, lançou um olhar de desdém para os outros ocupantes da sala de espera e se sentou pousando a bolsa grifada estampada com minúsculos logotipos na cadeira ao seu lado.

A sua frente, uma moça jovem, de cabelos soltos e aparência desleixada, uma hippie perdida no século vinte e um, mexendo sem parar em um celular de última geração, só parando para trocar beijinhos inocentes com o namorado, uma figura barbada de brinco na orelha. Do seu lado direito uma mãe exausta tentando controlar um casal de gêmeos que gritava e subia nas cadeiras brincando de polícia e ladrão sem se importar com o desgosto dos adultos. E do seu lado esquerdo, desgraça das desgraças, um homem magro de olhos tristes que tentou puxar conversa.

Claro que seria com ela. Era pródiga em atrair esse tipo de contato indesejado. Quantas vezes tinha ido a Miami na vida? Mais de vinte? Menos de cinquenta? Era uma *habituée* da cidade, não se conformava com esse erro grotesco da imigração que a tinha detido quando estava prestes a entrar no Paraíso. E agora esse homem com mocassins de couro sintético e meias marrom achava que eles tinham algum tipo de ligação, como se ela, veja bem, ela, nascida na *Jeneusse Dorée* carioca da década de sessenta, frequentadora dos melhores restaurantes, possuidora de cadeira cativa nas melhores festas da cidade e claro, uma jet setter teria algo em comum com um homem, vejam bem, um homem, cujos papéis não cabem na pasta estufada, cujo os botões da camisa se penduram heroicamente num fiapo de linha. Só resta suspirar e se munir dos agradáveis monossílabos aprendidos na infância, que o colocariam no seu devido lugar e a retornariam ao trono devido de realeza intocável.

Vinte anos atrás isso jamais teria acontecido. Lembra-se da primeira vez que viajou com o seu pai para Miami, o homem lhe pôs no colo para subir as escadas do avião da Varig. Sentiu como se fosse a única pessoa no mundo a subir aquelas escadas com tanta importância. Ao desembarcar, não se ouvia uma

palavra em português, ela e o pai envoltos no verdadeiro mistério de serem estrangeiros, únicos e especiais. Agora aviões são como ônibus lotação, *eles* entraram, a porteira se abriu, invadiram Miami como se Miami fosse um lugar onde todos merecessem estar e não o espaço onde alguns escolhidos por Deus e pelo dinheiro poderiam usufruir do mar azul turquesa, dos garçons de patins, do frapuccino geladíssimo em copos com o seu nome: Pé-Ro-La.

Evidentemente não era uma questão de preconceito, mas merecimento. Não que não gostasse de gente pobre. Por exemplo, nutria um afeto sincero por Dora, a empregada que cuidou dela desde que era um bebê. Manteve Dora em sua casa, senil, inútil e lenta a coordenar as outras empregadas por puro amor e compaixão. Dora idosa a se arrastar em infinitas tarefas domésticas. Jamais deixaria que a querida Dora fosse desamparada em sua velhice, concedeu que trabalhasse até o último dia sem reclamar que ela esquecia a quantidade de açúcar correta no seu café ou que as dores na coluna a impediam de pegar as correspondências na portaria. Salvou Dora do destino de ter que visitar aquele filhinho marginal na cadeia, ladrãozico que roubava relógios e tênis nas saídas de escola da Zona Sul usando uma arma de brinquedo. Sábado atrás de sábado, domingo atrás de domingo inventou uma demanda inquestionável para que Dora ficasse no apartamento, poupando do desgosto de encarar a prole apodrecida. Quando Dora morreu mandou uma coroa de flores que lhe custou uma pequena fortuna. Mas Dora merecia. Nunca haverá outra empregada como Dora. Nunca haverá outra patroa como ela. O problema é que de repente *eles* estavam em todos os lugares. Nos shoppings, nos táxis, nos restaurantes, e segundo seu filho, até nas empresas. Sempre foi uma boa mulher, pagadora de impostos, criou uma família com a solidez das coisas puras e corretas, sol a sol se queimando incansavelmente à luz da rotina. Não tinha absolutamente nada contra a igualdade, se compadecia da fome, das crianças africanas de abdômen distendido, do chão rachado e seco de algum sertão distante. Não bastava conceder um arado, e o que comer? Precisavam *eles* terem sonhos e virem parar em Miami? Mães solteiras, um negrinho de brinco na orelha, uma hippie anacrônica e esse inclassificável ninguém latino americano e sua adorável e irritante animação por estar a primeira vez viajando de avião.

Finalmente o homem-com-os-mocassins foi chamado e Pérola pode respirar aliviada na sua pacífica bolha solitária onde o mal não era convidado. Em uma televisão sintonizada na CNN um narrador enfadado descrevia nos mínimos detalhes a apreensão de toneladas de maconha no porão de New Jersey. O dono da casa, branco e gordo como um búfalo, gritava, rosto colado nas câmeras, protestando contra o presidente. Pobre homem, pensou Pérola. Pobre homem norte americano. Perdeu o emprego. Precisava sobreviver. O filho fazia natação, tênis e Espanhol e a esposa fazia parte do conselho local. Ele não podia decepcionar sua família. Foi um ato de desespero. Ele foi engolido pelas circunstâncias. Emocionou-se. Pobre, pobre, pobre, pobre pai de família. Teve que se conter para não chorar.

Com sorriso e alívio, com os mocassins se desintegrando nos pés, o homem veio tagarelado sobre um carimbo na página errada do passaporte, nada grave, liberaram sua entrada. Que tal um encontro, um jantar, um café? - antes que ela se refizesse do ultraje, ele já tinha lhe colocado um cartão de visita nas mãos e saído pela porta de vidro.

Um por um os ocupantes da sala foram sendo chamados. Um a um liberados. A algazarra dos dois monstros louros ao correr para o saguão do aeroporto, o caszinho apartado pela entrevista se reencontrando com um longo beijo como se tivessem sido separados por séculos, anos-luz, galáxias. E para ela restaram as luzes se apagando e o funcionário da imigração falando algo incompreensível sobre horário de funcionamento, fim de expediente e que não poderia liberá-la, mas que na primeira hora da manhã outro eficiente funcionário do governo norte americano estaria ali para entrevistá-la.

As portas se trancaram. Perplexidade. Pouco a pouco o movimento no aeroporto se amaina, suas luzes se suavizam. As mãos encostadas no vidro que a separam de Miami. Deitou-se no chão de Miami, a bolsa comprada em Miami um travesseiro improvisado. Obviamente estava recebendo um tratamento especial, apenas não sabia qual ainda era o privilégio que foi negado aos outros e concedido a ela. Sonhou que ela, os americanos de Miami, o mar, as lojas encravadas em prédios limpos, as calçadas iluminadas eram um só, uma espiral brilhante e poderosa que cruzava os céus. Não ouve engano. Não há engano a respeito de boas mulheres.

::

Escancarada

- É uma gorda lá pros lados do Encantado que se treme inteira e tem visões místicas, prevê o futuro e faz viagens astrais. Previu o Tsunami, o *World Trade Center*, a morte do Papa, até o Katrina...

Elena soprou a xícara de café e fez uma expressão de normalidade enquanto Teresa elencava as habilidades mediúnicas da vidente suburbana. Não devia ter contado para a amiga dos problemas em casa, mas agora era tarde: a Teresa já estava ligando para o seu *personal sobrenatural* e marcado a sessão para a tarde de sexta feira. Vai de branco, ela ordenou, o dedinho em riste, piscando um olho.

A amizade com Teresa era a coisa mais inconveniente que lhe tinha acontecido na vida. Não sabia em que momento tinha deixado a guarda aberta naquela festa, mas de repente ela frequentava a sua casa, lhe contava suas dores de amor, suas aventuras noite à dentro, pedia conselhos, lhe chamava para sair. Era como cair em uma armadilha fatal: uma vez aceitando Teresa em seu convívio era impossível expulsá-la, negar seus conselhos estapafúrdios, não atender seus telefonemas da madrugada, as intimidades desembrulhadas, e por mais que se irritasse profundamente com o ar superior de conhecedora da vida que a amiga fazia ao despejar suas verdades inquestionáveis era impossível desobedecê-la, ou não se compadecer de sua vida desregrada e triste, cheia de homens bebados, cocaína, coca-cola, bares, incêndios provocados por cigarros acesos. Ficava acanhada diante de tanta grandiosidade trágica e como uma garotinha, sentia a obrigação de devolver alguma emoção palpitante. Inventava desenganos no casamento, problemas insolúveis no trabalho, dilemas morais com os filhos, quando na verdade era feliz. Nada vem de graça, pensou. Como castigo para suas mentiras e para manter a delicada amizade com Teresa seria obrigada agora a consultar uma vidente obesa nas entranhas do subúrbio. Suspirou resignada enquanto a amiga pedia a conta e fazia piadinhas de duplo sentido com o garçom.

A sexta feira chegou veloz, e seguindo as orientações de Teresa, Elena tomou um banho com amônia e rosas (mas não molhe a cabeça, ouviu a voz da amiga, imperativa) e ficou entregue aos poderosos vapores daquela macumbinha improvisada. Estremeceu. E se a gorda lhe colocasse uma tragédia na mesa? Ligou o secador para espantar os pensamentos, o cabelo lhe chicoteando o rosto na frente do espelho, a expressão cordata e previsível de sempre, a expressão que a definia desde a infância, os olhos escuro-blindados e a boca em eterna contrariedade como se desaprovasse o mundo inteiro, nos seus pormenores: a perfeita tradução da sua própria identidade.

Catou as chaves do carro no aparador da sala, fechou a tranca da porta e estava pela primeira vez

preparada para, saindo do universo conhecido da sua garagem, enfrentar a vida real. Munida de um jipe quatro por quatro, endereço da Gorda digitado no gps, celular com a bateria carregada e os cartões de crédito deu a partida em direção ao túnel que divide a cidade.

Sms: já saiu de casa? Não vai atrasar com a gorda!

Com uma mão só digitou que sim, já estava a caminho. Mais uma vez, dando satisfações a respeito de sua vida para Teresa. Quando isso ia acabar? Mulheres pedem o divórcio para os maridos, mães abandonam os filhos em maternidades, sacos de lixo, escadarias de igreja. Rompemos com pais, namorados, empregos e empregados, cidadanias, fornecedores, sócios, empresas, ideias e ideais. Mas o quão patético seria falar à Teresa: acabo aqui nossa relação? Esse direito, uma vez concedido, mesmo que de forma leviana, jamais pode ser revogado - partilhar a intimidade, as confidências, os pequenos sabores do cotidiano, a vilania inocente, as incorreções sociais. Como voltar atrás da decisão consciente de permitir que o outro goste de nós e nos aceite mesmo que nós sejamos quem somos? Impossível. Uma vez que viu a vida pelos olhos de Teresa, que a sabia Teresa em suas particularidades e que assentiu que Teresa visse a vida pelos seus olhos, estava fadada a carregar o fardo inconveniente dessa proximidade danosa, rachada, inexplicável.

Subiu a Linha Vermelha seguindo as instruções da voz feminina no navegador do gps. A voz arrastada de Teresa cinco anos atrás: bonitos brincos. Sabemos tudo a respeito de uma mulher quando ela escolhe bem um par de brincos, disse, categórica. Quanto maiores os brincos, maior é a vontade de dar. Quanto menores os brincos, menor o pau do marido. Belos brincos tem a exata medida da satisfação pessoal da dona. Elena não estava acuada, tinha bebido um pouco de champanhe, e sorriu para Teresa. Trocaram algumas palavras sobre o tédio. Descobriram ser vizinhas, trocaram telefones. Quem, meu Deus, ainda troca telefones? E na despedida riram até perder o ar de uma mulher que brigava aos tapas com um homem no estacionamento. Foi a primeira vez que se permitiu achar graça de uma cena horrorosa como aquela. Mas riu. E ao deitar na cama riu mais um pouco antes de se calar culpada pela desgraça daquela desconhecida.

Foi informada pelo GPS que estava engarrafada no Viaduto de Manguinhos e o barulho incessante das buzinas começou a incomodá-la. A fome apertou, e permitindo-se uma escapadela nutricional comprou uma fanta laranja e um saco de pipoca cor-de-rosa de um vendedor adolescente e sem camisa viril osso púbico escapando do shorts - xô, pensamento - que passava gritando seus produtos. Ligou o rádio, uma cantora esperneava sabores de amor. Como as pessoas gritam do lado de cá. Em breve estaria frente a frente com o seu destino, o passado, o presente e o futuro amalgamados nas palavras da bruxa sísmica do Encantado. Terminou com o pacotinho de pipoca e começou a se impacientar com o tráfego e saindo do viaduto, desejou contrariar o gps e se enfiar em uma rua paralela na esperança de não se atrasar, ou pior, perder a consulta e ter de dar explicações sobre sua incapacidade de planejamento, sua suavidade deslocada no mundo cão, suas pernas hesitantes no acelerador do carro. Mas aquietou-se, esperando que os carros se dissolvessem milagrosamente na sua frente.

- Você dirige tão cautelosa que um dia vão bater em você de propósito, só de raiva!, reclamou Teresa enquanto faziam uma curta viagem para Búzios.

A placa verde que apontava para o Encantado a esperava na saída da Linha Amarela. Foi se

embrenhando pelo bairro, velocidade reduzida, as ruazinhas de paralelepípedos, umas crianças sentadas na calçada ao redor de um *game boy*. De repente, uma galinha preta atravessou a rua veloz, desorientada. Elena breçou, o coração batendo na garganta, provavelmente tarde demais. Saiu do carro esperando pelo sangue, pelas penas, pelo esmagamento. Olhou embaixo do veículo e viu a cabeça viva, hesitante e estúpida.

- Xô! Xô galinha!

A galinha, imóvel, resistindo aos apelos de suas mãos frenéticas.

Um dos meninos saiu lá do outro lado da rua, as meias estampadas com foguetes e pequenas chamas correndo em sua direção.

- É a Paçoca, Dona. Pera.

Meio corpo do moleque desapareceu por debaixo do carro, as meias explosivas mexiam, frenéticas. Vitorioso ele se arrastou pra fora com a galinha dos braços.

- Conhece a Valquíria? Do trinta e quatro?

O moleque apontou à sua frente um muro baixo de pedra, com um portãozinho de ferro.

- Tem campainha não dona. Tem que chamar assim: Ô de casa!

O moleque assobiou a bateu palmas.

- Ô de casa!, ele repetiu.

- E a galinha? Cadê o dono?

- Ela é aí do bairro, meio de todo mundo.

Silêncio.

- Melhor entrar e esperar lá dentro, né?

O moleque abriu o portãozinho e Elena foi entrando, cautelosa. No chão de cimento alguns jabutis passeavam vagarosos entre vasos de plantas: Comigo-Ninguém-Pode, Espada de São Jorge, Pimenta, Babosa, Arruda. A porta entreaberta da casa era um convite e ela o aceitou.

Na sala, São Sebastião se impunha no espaldar, iluminado por uma fraca luz vermelha. Um sofá de couro furado com cigarro. Santinhos, entidades, um rack com uma tv. Um suspiro e um gemido vindos do fundo dos cômodos. O coração de Elena: aos pulos, sem recuperação. Mais uma porta, o quarto à meia luz e sentada num divãzinho que não lhe comportava o corpo, a vidente, enorme, lisa e limpa como um ser marinho e ancestral, resfolegava, se esfregando, sôfrega, se expandindo e se encolhendo com os olhos semicerrados. Até que o corpo se sacodiu, tremeu e finalmente ficou imóvel. A gorda abriu os olhos.

- Vem cá, menina.

Elena se aproximou sem medo, acostumava que estava a receber todo tipo de ordens. A Gorda pegou as mãos dela com as suas mãos suadas, fechou os olhos concentrada. Abriu os olhos e sorriu os dentes miúdos serrilhados, e lhe sussurrou no ouvido toda a verdade. Viveria. Morreria. E só.

- São cem reais.

Diluindo um pensamento invasor e triste que não ousava ser pensado, Elena deixou o dinheiro na mão da Gorda e saiu da casa, a insatisfação revirando o estômago. Sentou trêmula na direção. Deu a partida. Pelo retrovisor o moleque com suas meias siderais e a galinha, lhe acenavam um Adeus.

Na Avenida Brasil, acelerava pra engolir o retorno, comendo asfalto, comendo distância, e sem alternativas, pegou o celular. Teresa precisava saber a respeito do palpitante futuro que a aguardava. Velhos hábitos. Mas o celular da amiga estava fora de área.

Gente muito disponível me dá tédio - lembrou de Teresa proferindo a frase vagarosamente enquanto elas se espremiavam debaixo da marquise esperando um temporal de verão passar. Nesse dia Elena engoliu a frustração de lembrar de todas as generosas vezes que abriu mão de uma tarde de ócio ou de um compromisso banal qualquer para atender, salvar, ouvir Teresa. Gente assim precisa de uma estrutura, ela falava pro marido, que entre os dentes rejeitava de forma conformada aquela presença incomoda em suas festas, reuniões, viagens de férias. Rejeitava demais. Rejeitava tanto, que Elena desconfiava. Aquela ave escandalosa, ordinária, ilegal e barulhenta que magnetizava os seus olhos não deveria ser invisível aos olhos do marido. Mas Elena silenciosamente se orgulhava de ser o chão seguro no qual a amiga, sem cerimônia, pisava. A constante, da equação, a imutável, a que espera. E também uma mulher vulnerável. Mas agora entendia a natureza das cordas que a atavam, mais um toque no celular e a impaciente Teresa finalmente atendeu. Antes que ela pudesse falar qualquer coisa, Elena, como boa aprendiz que era, não deu tempo para que a outra respirasse e contou apressada, histérica e atabalhoada todas as coisas que a vidente do Encantado não disse - imprecisões, conexões estapafúrdias, trocadilhos, pontas soltas. Exigiu a presença de Teresa em sua casa.

- Sim, deixa eu despregar os olhos! Tomo um café, fumo um cigarro e vou praí.

Teresa jamais, em toda sua vida, tinha chegado pontualmente a um compromisso e Elena se acostumou a marcar encontros “depois do cigarro”, “antes de anoitecer” ou “assim que eu terminar de ler essa revista” e agora essa pequena peculiaridade estava a seu favor.

Chegando no Leblon foi pisando em terreno conhecido e ao dirigir pelas ruas da Zona Sul seu coração, agora apaziguado, entrou desenvoltamente na garagem. A visita ao Encantado tinha desestruturado seu dia, e agora ela teria que se enraizar novamente na rotina da casa e preparar o encontro que devolveria as coisas aos seus lugares devidos: xícaras nos armários, livros nas estantes e a vida de volta para si mesma. Com o talento habitual de anfitriã colocou flores nos vasos, afofou as almofadas, abriu as cortinas e no mundo inexorável da área de serviço encontrou uma singela caixinha amarela de formicida e diligentemente derramou na garrafa de uísque.

- Você deveria comprar um *single malt* daqueles escoceses, a boca borbulha de estrelas.

Teresa sempre bebia, golinhos contínuos, cigarro atrás de cigarro até a garrafa ficar seca, as gotículas sedosas escorrendo por dentro das entranhas dela. E ela chegou. As mãos magras gesticulando drama, o corpo de ossos eloquentes exalando grandiloquência. Elena, morna, começa a contar. E conta infinitudes da Gorda do Encantado. O que ela viu nas cartas. A trajetória de uma Papisa amoral. A grande virada. Os olhos de Elena observando o copo, lentamente se aproximar da boca. A hesitação. A carta da Justiça, sendo revelada no momento fatal. Teresa mexendo o gelo com os dedos e lambendo as gotas, gatinhamente, e depois do primeiro gole a boca estalando de satisfação.

- Ah!

E no último segundo os olhos de Teresa compreendem. Mas o corpo já não responde. Só um lampejo luminoso passa pelo seu cérebro como um raio. E ela sorri de forma imperceptível, como todo bom cadáver.

Com pudor típico das primeiras vezes, Elena fecha as pernas de Teresa, escancaradas como sempre. Mania, essa a dela. E pelo velho hábito da afeição, a coloca em uma postura mais adequada a um corpo que irá ser descoberto, e com uma satisfação única percebe que são magníficos os sapatos da morta. Espana com as mãos o pensamento incômodo de estar fazendo algo inadequado, mas logo se agacha e retira cuidadosamente as plataformas cor de chá estampadas com uns morangos maduros por todo o tecido.

De cima do seu novo salto, Elena liga pela polícia e espera que todas as sirenes cintilantes do Rio de Janeiro brilhem só para ela.

